

RESENHA

Livro: CHASIN, José. *Marx - Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009. 253p

O resgate do estatuto ontológico da obra de Karl Marx¹

Publicado pela primeira vez em 1995, como posfácio,² o texto *Marx – estatuto ontológico e resolução metodológica* reapareceu no mercado livreiro do Brasil através da editora Boitempo e, na Itália, pela editora Mimesis de Milão.³ A nova edição brasileira contou com uma introdução dos professores Ester Vaisman e Antônio José Lopes Alves, ambos do grupo de Marxologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – grupo fundado pelo próprio autor do livro, José Chasin.

Trata-se de uma obra que, pela densidade e importância, merecia vida própria desde o primeiro momento de sua publicação, como afirmou Mario Duayer na orelha deste novo volume. Como posfácio, o texto ressaltou a importância do trabalho rigoroso de Francisco Soares Teixeira, que se esquivou não só da vulgaridade comum da panfletagem política que se faz em torno da obra de Karl Marx, mas também da arbitrariedade de leituras comuns à academia:

É evidente que essa formulação é radicalmente contrária a tudo que reza o epistemologismo atual, tanto quanto à negação irracionalista deste [...]. Ademais, o oponente radical ultrapassa os limites desse confronto imediato, para se mostrar no âmbito mais geral como posição frontalmente contraposta ao espírito filosófico que desde há cerca de duzentos anos foi se tornando dominante e que, crescentemente, vem manietando a atividade intelectual. (CHASIN, 2009: p. 26)

1 Resenha realizada Rodrigo Chagas, prof. do curso de Ciências Sociais na UFRR e membro do *Têlos – grupo de pesquisa em ciências humanas da UFRR*.

2 O texto que aqui resenhamos foi publicado pela primeira vez como posfácio do livro: TEIXEIRA, Francisco Soares. *Pensando Com Marx: uma leitura crítico-comentada de O Capital*. São Paulo: Ensaio, 1995.

3 Com tradução de Marco Vanzulli, na versão italiano o texto recebeu o título de Marx, *Ontologia e método*.

Mas, muito além do mero destaque a um bom trabalho, o *Estatuto ontológico*, como ficou conhecido, esclarece de maneira surpreendente questões centrais na obra de Marx, a começar pela origem de seu pensamento – tão pouco estudada e tida por muitos, das mais diversas filiações, como uma continuação “invertida” do pensamento de Hegel, ou então como o resultado de um mesmo “horizonte de expectativas” ou coisas do gênero. Concepções estas que resultam comumente na recusa, em maior ou menor grau, de uma cientificidade autofundada do pensamento marxiano, mas que, como documenta amplamente Chasin, não encontram fundamento no escritos legados por Marx.

O que foi designado por seu autor, na época também editor da editora Ensaio, como um posfácio, tornou-se um dos principais trabalhos de José Chasin – que morreu três anos após o escrito, em 1998, no auge de sua produção. Contudo, o texto, ainda que sintético, é um denso resultado de décadas de estudos sobre a obra de Karl Marx e que teve como um de seus interlocutores privilegiados o filósofo húngaro Georg Lukács. O resultado é uma obra que, pelo rigor, se preserva de leituras furtivas: é densa, feita para reflexão e fundamentação teórica sólida, alheia ao “mercado” partidário ou acadêmico.

De saída, a obra desfaz equívocos antigos ao apresentar a gênese do pensamento de Marx como uma “viragem ontológica”. Para isso, demonstra a impropriedade de uma das teses mais veiculadas sobre a origem do pensamento marxiano, a ideia de que este se fundamenta em um “amalgama originário”. Esta ideia do amalgama foi criada por Karl Kautsky e ganhou o reconhecimento e confirmação de ninguém menos do que Lênin; sendo, a partir de então, amplamente difundida a compreensão de que a fonte do pensamento de Marx seria a junção entre o “melhor” do que produziu o pensamento político francês, a filosofia alemã e a economia política inglesa de sua época.

Perquirindo os textos de “juventude” de Karl Marx – muitos dos quais só vieram a lume após os anos 1930, ou seja, depois da morte de Lênin – o filósofo paulista demonstra que não há, por parte de Marx, uma síntese do melhor das três posições. Questiona o autor: seria “possível retalhar, filtrar e fundir partes vivas de três universos teóricos essencialmente diferentes, e com insumos intelectuais dessa ordem implementar um novo corpus filosófico-teórico?” (*Ibid.*: p. 39). Como fica claro no texto, o que há de fato na gênese do pensamento marxiano é uma crítica ontológica às três posições; e, o “amalgama”, comumente suposto, só seria possível através de um posicionamento gnósio-epistemológico, totalmente estranho ao pensamento de Marx.

Esta apreensão de Chasin coloca a obra marxiana para fora da esfera liberal: Marx não vê na política uma esfera resolutive, mas uma negatividade que – ainda que necessária historicamente – deve ser superada juntamente com o fim do Estado; não encontra na filosofia hegeliana seu arrimo Lógico, mas expõe que a lógica própria de tal filosofia é a especulação; não visa criar uma ciência econômica autônoma, mas demonstrar a insolubilidade e a necessidade imanente da superação da sociabilidade burguesa.

Precisamente por sua condição de pensamento pós-especulativo ou pós-gnosiológico e antipolítico, a obra marxiana não é, nem poderia ter sido, a aglutinação ressintetizada das melhores porções do pensamento de ponta do seu tempo. Lidou com o mesmo em suas vertentes mais avançadas, todavia, não para operar a mágica canhestra de um somatório absurdo de suas “partes vivas”, nem mesmo, e puramente, para se fazer herdeiro de uma dita tradição dialética [...] Lidou, sim, com as melhores cabeças de toda uma época, mas para armar um salto para além delas. (*Ibid.*: p. 86)

O segundo momento que destacamos no escrito traz, talvez, a contribuição mais importante do livro, que é o resgate da “teoria das abstrações”, presente na obra de Marx. A partir da “viragem ontológica”, previamente exposta e sem subterfúgios teóricos, José Chasin apresenta como se dá a superação do problema do conhecimento na obra marxiana e, para isso, enfrenta a questão pouco entendida do papel da subjetividade em Marx. Vemos, assim, aflorar a forma específica através da qual o pensamento marxiano realiza suas análises sem recorrer aos recursos gnósio-epistemológicos que marcam tão profundamente o pensamento científico moderno:

Lugar e malha esclarecidos e decifrados, pois, sob o rigor próprio à crítica ontológica, pela qual o conhecimento, como qualquer alvo de investigação, é determinado pela gênese e necessita de sua entificação. Pertinência e superioridade de tratamento, desde logo, porque não isola saber de fazer, o que equivale a não separar o pensamento como predicado do ser que pensa. Lida, portanto, com o pensamento no complexo real onde se manifesta como força específica de um ser peculiar nos atos pelos quais este se confirma. (*Ibid.*: p. 102)

O pensar é expressão do ser ativo, é tratado em sua complexidade própria, deixando de cair nas ambiguidades da “dialética”, nas “hermenêuticas da imputação” e na especulação racionalista – tampouco se verga ao mecanicismo que predominou (e predomina) em certas vertentes de marxismo. A radicalidade e a correção da *determinação social do pensamento* em Marx é reposta de forma resolutive e clarificadora do trânsito que vai da abstração do concreto à concretude da abstração, como via multilinear que possui “momentos preponderantes” e “nexos determinantes” na relação histórica do sujeito/objeto.

Por fim, o terceiro momento que nos parece fundamental na obra é a crítica que Chasin faz ao pensamento maduro de Lukács, que, apesar de ter sido fundamental no desvendamento da ontologia do ser social em Marx, acaba por reproduzir o vínculo gnóσιο-epistemológico de Marx com Hegel, ainda que de maneira mais sofisticada:

Em síntese, de posse da resolução ontoprática da problemática do conhecimento e da teoria das abstrações, Lukács disporia de meios para sustentar marxianamente a independência do ser em face da consciência, a possibilidade do saber científico e a prioridade do objeto como ponto de partida da ciência, sem lançar mão do débil esquema do em-si epistêmico; da mesma maneira, teria compreendido o modo pelo qual a cabeça se apropria da realidade por meio do concreto de pensamentos, sem forçar à existência uma herança hegeliana pela reiteração sem brilho da tese do vínculo lógico entre Marx e Hegel, que em outras mãos acaba mesmo por se converter em dependência lógica do primeiro em relação ao segundo, o que é ainda mais despropositado. Tratadas por essas vias extrínsecas à concepção marxiana, as relações entre esses dois grandes autores findam inteira e perversamente obscurecidas, contra as melhores intenções analíticas, inclusive as de seus mais sofisticados praticantes. (*Ibid.*: p. 213)

Convém ressaltar que essa crítica a Georg Lukács é fruto de um longo diálogo: em 1963, Chasin publica artigos na *Revista Brasiliense* resgatando a posição lukacsiana de *El Asalto a la Razón*.⁴ Como editor da extinta editora Senzala, publica *Existencialismo ou marxismo?*, de Lukács, em 1967.

Na década de 70, com a publicação de sua tese doutoral, *O integralismo de Plínio Salgado*, expõe a “via colonial” de entificação do capitalismo brasileiro através de uma análise criteriosa da figura mais importante do integralismo, conformando uma contribuição marxista para explicar a particularidade do capitalismo no Brasil, mantendo também um claro diálogo com o pensamento lukacsiano.

Nos anos 80 e 90 contribuí para as publicações da revista *Temas de Ciências Humanas* e, depois, através da editora Ensaio, estabelece um “movimento de ideias” que até hoje vem dando frutos. Também através destes meios de publicação, o pensamento lukacsiano e de alguns de seus discípulos, como István Mészáros, continuaram presentes – basta que lembremos que livros como *O poder da Ideologia, A necessidade de controle social*, dentre vários outros, foram publicados pela primeira vez no país pela editora Ensaio, encabeçada por José Chasin.

A atenção que Chasin deu a obra madura de Georg Lukács ao longo de sua trajetória veio do fato de que esta tentou ser uma espécie de “lupa” do pensamento de Marx. Desta forma, encontramos no *Estatuto ontológico* o auge deste diálogo através

4 Ver artigos sobre Karl Mannheim nas revistas *Brasiliense* nº 47 e nº 48.

de uma crítica positiva, que não só retoma o “caminho das pedras” lukacsiano, como contribui amplamente para a continuação deste:

o percurso lukacsiano à ontologia marxiana foi um verdadeiro caminho das pedras, que nunca se integralizou plenamente, embora seja dele o mérito excepcional – o que basta para consagrá-lo como o mais importante pensador marxista do século – de ter sido o primeiro a identificar, de forma imanente ao espírito da obra marxiana, o caráter ontológico da mesma, bem como procurado expor e desenvolver o panorama geral da questão e momentos fundamentais de sua complexa estrutura categorial. Todavia, foi uma longa trajetória, uma procura árdua, que cultivou incongruências e que não findou isenta de irresoluções e equívocos. (*Ibid.*: p. 192)

Segundo a análise chasiniana, não há fundamento para a afirmação de que Marx visava escrever uma “Lógica” como argumenta Lukács, bem como, não há a suposta aplicação desta Lógica na primeira parte de *O Capital*. Pelo contrário, na obra clássica de Marx o que se confirma, de forma mais acabada e madura, é a viragem ontológica realizada, em 1843, após a saída de Marx de *A Gazeta Renana* e de ter produzido a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, como o filósofo paulista expõe, com fartas referências que grassam ao longo da obra do próprio Marx.

Marx - Estatuto ontológico e resolução metodológica não se propõe um texto voltado aos aplausos fáceis. Sua dificuldade e possível polêmica estão arrimadas em um posicionamento de rigor e coragem que, ao que parece, foi uma das marcas da vida de seu autor: com uma rara autonomia de espírito em um país em que os modismos e o colonialismo intelectual são uma constante e constantemente estimulados.

Sem concessões à academia ou ao partido, a obra de José Chasin vem sofrendo uma negligência que esta publicação da Editora Boitempo e sua recente publicação na Itália ajudam a romper. As contribuições que estão condensadas nesse texto são decisivas para uma tentativa de desfazermos os vários embaraços que, em grande medida, o pensamento de esquerda vem sofrendo ao “ler” Marx como tributário das “vocações” científica e política próprias do pensamento liberal. O resgate do estatuto ontológico de Marx nos ajuda a pensar com Marx, ou seja, superando o estatuto de cientificidade liberal.